



TEATRO
NACIONAL
S. JOÃO

TEATRO CARLOS ALBERTO
21—24 SET 2023



qui+sáb—19:00
sex—21:00
dom—16:00

cenografia
Ana Gormicho

assistência à construção
Alya Ana Lopes

figurinos
Sara Miro

desenho de luz e direção
técnica
Pedro Nabais

realização e desenho de
vídeo
Francisco Lobo
Pedro Carvalhinho

música original
André Júlio Turquesa

desenho de som
Vasco Zentzua

desenho de caracterização
Blue

produção executiva
Diana Estrela

assistência de produção
Beatriz Lobo

interpretação
Beatriz Maia
Inês Filipe
João Nunes Monteiro
Rafael Ferreira
Sofia Vilarico
André Júlio Teixeira

coprodução
A Turma
São Luiz Teatro Municipal
Teatro Nacional São João

O Salto

texto e encenação

Tiago
Correia

dur. aprox. 1:30
M/16 anos

Língua Gestual
Portuguesa +
Conversa
com a Mónica
22 set

UM SALTO ENTRE TEMPOS

TIAGO CORREIA

O meu primeiro impulso para esta criação foi a atual crise migratória europeia, os muros que a crescente extrema-direita quer erguer para a travar – com defensores de todo o espectro social, que se esqueceram, porventura, que os próprios avós, pais e familiares tiveram de partir do país de origem para que os filhos pudessem ter uma vida mais digna que eles –, e a forma como, em Portugal, têm sido recebidos os migrantes oriundos da Ásia (mas não só) que, em estufas, armazéns insalubres, quartos com vinte colchões no chão, redes ilegais de tráfico humano, são tratados como mercadoria – em pleno século XXI e nas mesmas ruas que percorremos todos os dias –, sem quaisquer direitos humanos. Aqui e ali fecham-se os olhos e aceitam-se agricultores ou lavadores de pratos – venham quantos forem precisos, se querem trabalhar e trabalham bem – e alguém sem nome e sem rosto, à distância de uma chamada, encarrega-se de ser o interlocutor, receber o dinheiro, fazer como bem lhe aprouver, e os donos das empresas que os empregam agradecem a mão de obra barata. Isto é tão verdade em Odemira como no Porto, no campo ou na cidade. Mudam os rostos e os empregos, mas as redes são as mesmas, estão organizadas e alimentam-se da troca e venda de carne humana – a escravatura moderna no seu esplendor.

Rapidamente me apercebi de que, à distância temporal de pouco mais de 50 anos, o que aconteceu com o povo português não foi assim tão diferente. Fugíamos do país (da opressão, da guerra ou da miséria) aos milhares, clandestinamente, *a salto* (atravessando as fronteiras a pé ou a nado), pelas mãos de redes organizadas de *passadores*. Autênticos estafetas, encaminhavam os passantes às escuras, das aldeias mais recônditas do interior à raia portuguesa – e assim, de *passador* em *passador*, por terras de Espanha e pelos Pirenéus – até alcançarem a prometida terra de França, onde, em melhor ou pior estado, eram abandonados, os que lá chegavam. Tudo isto em

troca de uma quantia robusta – as poupanças de uma vida inteira ou a que pediam emprestada –, que as pessoas depositavam nas mãos de sujeitos desconhecidos.

As fotografias de Gérald Bloncourt dos *bidonvilles* – bairros de lata de Paris, construídos e ocupados por portugueses – são um autêntico salto para este passado recente e foram, enfim, o derradeiro impulso para o início da pesquisa para esta peça. Imagens que contêm histórias inaudíveis, rostos reais de homens, mulheres, crianças que brincam na lama ou que olham através da janela para a máquina fotográfica – objeto que viam pela primeira vez –, aparentemente alheios à sua própria tragédia, vivendo simplesmente, muito para lá dela, com os olhos no futuro, tal como os filhos daqueles que, aqui e agora, em Portugal ou noutros países da Europa, abandonaram as suas casas e os seus países, também eles a fugir à guerra, à opressão ou à fome, e que têm agora de aprender de novo a brincar, numa língua que não entendem.

Assim nasceu este díptico informal, que se inicia com *O Salto*, nos anos 70, e que culminará num segundo espetáculo, no próximo ano, atravessando cerca de cinco décadas da nossa história recente até aos dias de hoje. Interessava-me, no fundo, começar por recordar que somos um país de (e)migrantes, para a seguir denunciar a forma como os acolhemos.

Com *O Salto*, propunha-me assim escrever, pela primeira vez, uma peça cuja ação se passa noutra época que não a que vivi – nos anos finais do Estado Novo, em que as tensões estavam prestes a atingir o auge.

Tive a imagem do acidente muito cedo, assim como o objetivo de escrever uma peça num só ato, em tempo real. O tempo da peça é, tanto quanto possível, o tempo da vida – um fragmento. Mas o presente reflete simultaneamente o passado e o futuro. As circunstâncias das personagens, a vida que tiveram, a sua história, assim como o seu futuro, revelam-se apenas, menos pelo que dizem e mais pelo que fazem, quando colocadas em conflito umas com as outras, nesta situação-limite.

Queria escrever uma peça sem tabus e sem qualquer sombra de nostalgia do passado, imergindo, em vez disso, numa situação que concentrasse as tensões que se viviam naquele momento histórico, que representasse este salto para o desconhecido, para o abismo, e que, simultaneamente, perscrutasse como o ser humano pode ser manipulado pelo medo e ser levado, perante a possibilidade da morte, da ruína ou do sofrimento, a momentos de puro egoísmo, pondo em causa a sua própria natureza, consigo mesmo e para com os outros. O debate entre indivíduo e coletivo.

Neste processo de pesquisa, escrita e encenação – sobre um período que me chegou através de entrevistas, leituras, documentação, culminando numa viagem pela raia, de Melgaço a Vilar Formoso, para perceber como a própria geografia condicionava os meios e as estratégias que, em cada lugar, se usavam para dar *o salto* –, dei-me conta de uma certa tendência que o ser humano tem para apagar momentos traumáticos. Há também o tempo que passa, a memória que envelhece, enfim, o esquecimento. E há, ainda, o medo. Ele ainda cá está, não se foi embora. Ainda há muito medo de falar ou, pelo menos, de contar tudo. Quanto mais lia e mais ouvia, menos tudo me parecia possível, menos tudo me parecia real. Parti para a escrita com essa clareza. Principalmente para nós – a minha geração e as seguintes, que não o vivemos –, isto estará sempre muito para lá do imaginável.

Apesar de tudo isto, e para que não restem ilusões, *O Salto* não é nem uma peça documental nem uma peça que pretende representar a História, pelo menos como nos é sempre contada, com os mesmos heróis e as mesmas canções.

Pretende apenas *ser*, ou melhor, *acontecer*, tão real como um sonho – um pesadelo, diria – que nos possa despertar deste sono.

POSSAS TU, MENINO H, CRESCER NUM MUNDO LIVRE E CONHECER O ALEGRE FIM DAS FRONTEIRAS

REGINA GUIMARÃES

I – Tela, moldura, pregos, parede

Noite. Um carro colidido frontalmente contra o tronco de uma árvore, no meio do monte. As luzes dos faróis ainda estão acesas e difundem-se pelo fumo que sai do capô e pela neblina, desvendando alguma da vegetação envolvente. No interior do carro, vários ocupantes, aparentemente inconscientes. À frente, no lugar do condutor, está Leonel, dobrado sobre o volante. No lugar do pendura, ao seu lado, está Helena, com a cabeça inclinada para trás. Entre os dois e sobre eles, o corpo de João, brutalmente projectado contra o pára-brisas. No banco traseiro jaz Manuela, com a cabeça ligeiramente espetada na janela da porta lateral esquerda e, à sua direita, o corpo de Olívia, caído sobre o dela.

É nestes termos, precisos e quase parcimoniosos, que Tiago Correia nos apresenta o quadro vivo/instalação cénica que inaugura a sua peça. Tudo o que em cena, fora de campo ou dentro do teatro mental virá a decorrer emana deste primeiro “grupo escultórico”, rasto duma viagem nocturna que acabou mal, sustida pelo tronco duma árvore – quiçá maliciosamente camuflada por Hipnos e Morfeu. Antes do despertar da criança Olívia e da sua muda fuga, o monte de corpos – entrelaçados, amalgamados com a máquina e postos em relevo por uma luz dramática – podia ser tão-somente um prelúdio lúgubre, protagonizado por cadáveres.

Assim, o gesto fundador do dramaturgo-encenador é arrancar matéria humana a um hipotético outro lado da vida – para o qual todos os humanos terão de dar o salto – e, com a meticulosa minúcia de alguém que pintasse à escala dum grande palco

recorrendo à técnica da miniatura, lançar o dispositivo onde haverá de ocorrer o desdobramento dos motivos das personagens em cena e suas pequenas imposturas.

II – Lições de ricochete

O Salto, como o nome indicia, transporta-nos para uma situação que marcou este nosso país a ferros – a emigração de massas –, abordando, como que em paralelo, a saída para o estrangeiro (França, Alemanha, Luxemburgo...) de portugueses, amiúde de origem rural, em busca de melhores condições de vida (personagens de Leonel e, por arrastamento, de Helena e Olívia) e a partida de mancebos decididos a não participar da guerra colonial, treze malfadados anos de luta contra “turras” e “terroristas”, entre 1961 e 1974 (personagem de João e, por arrastamento, de Manuela).

Alguns reparos se me afiguram necessários: embora Portugal tenha conhecido, ao longo da sua história, sucessivas vagas migratórias, não será por acaso que a coincidência duma absurda guerra colonial sem fim à vista com a incapacidade do poder salazarento de remediar os problemas da pobreza fez que os anos da guerra acabassem por ser também os do derrame emigratório. Na pessoa do cidadão instruído, as razões da fuga à loucura da guerra são mais claramente assumidas, mas elas não deixam de ter elevado peso na evasão de muitos homens, pouco mais que adolescentes, para a Europa dos ricos, matando assim de uma só cajadada o coelho do alistamento e a lebre do fazer-se à vida. Por conseguinte, a opção de juntar no mesmo carro personagens animadas pelas duas tão diversas ordens de motivos é uma escolha judiciosa de Tiago Correia, sobretudo se, cereja no bolo, pensarmos que o autor lhes acrescenta a presença duma consciência muda (Olívia), emblema da nação silenciada pelo pavor e o pânico.

III – Cemitério marinho e seus coveiros

Não falta quem pense que, independentemente da pujança transnacional dos êxodos rurais,

os emigrantes são os nossos heróis intrépidos.¹ Em particular na segunda metade do século XX, eles são aqueles que, sem cartilha mas com concreta convicção, disseram não à guerra e à miséria, aqueles que, olhando a montanha e a linha de fronteira, viram o lado de lá e obedeceram ao desejo de desobedecer. Ora, virando costas a essa hipotética perspectiva, o texto de Tiago Correia debruça-se mais profundamente sobre a figura do “passador” do que sobre a “poética do salto”, e o seu enfoque tem consequências relevantes no modo como lemos as quatro personagens falantes e as relações que tecem entre si: nunca o ponto de vista de Leonel pode abeirar-se da óptica de João, nunca a situação de Helena pode ser comparável à de Manuela, a não ser ao nível da sua subalternidade – elas acompanham mais do que traçam rumo, num país em que as mulheres pedem licença e desculpa. Todavia, no território linguístico onde Tiago Correia situa a sua escrita, as personagens “tiram” palavras da boca umas das outras: Manuela não precisa de ouvir a palavra “grávida” para adivinhar a situação de Helena, porque a narrativa em que se move foi de há muito escrita e tem-se declinado sob inúmeras formas e formatos. É uma ficção asfíxica, que certos ideólogos têm a suprema lata (ou o refinado cinismo) de nos vender como “identidade”. Com efeito, a novidade do gesto de Tiago Correia, soprada ao ouvido das plateias, é pôr-nos a escutar e a fitar este mundo e correlativas mundivivências/mundivivências como quem observa um carreiro de formigas. Hipnótico, o texto não permite que o fintemos, nem cai na esparrela das letras capitais. Mais importante ainda: questiona, nestes tempos apocalípticos e pouco propensos ao altruísmo, a oportunidade de vender catarse à elite frequentadora de teatros...

Quer-me parecer que a importância atribuída à personagem odiosa do “passador” aproxima a peça (e porventura a encenação vindoura) daquilo que presente e quotidianamente nos choca quando vamos tomando conhecimento do negócio, ao longo de toda a bacia mediterrânica, protagonizado por “passadores” sem escrúpulos. Derradeiros elos duma cadeia

mortífera (que começa com tratados de aparcamento dos migrantes ideados pelos nossos governantes), os “passadores” levam a ambição ao ponto de colocar em perigo (diz-se que amiúde cientemente) a vida dos magotes de migrantes, refugiados da guerra ou da indigência, oriundos das paragens mais míseras da África e da Ásia, os quais todos os dias arriscam o “salto”, a travessia, atulhados em embarcações precárias... Valerá a pena acrescentar que as mudanças climáticas que têm vindo a acelerar-se irão, fatalmente, catapultar esta questão para a escala do homérico?

IV – Gaiolas de Faraday

O salto para *O Salto* não se faz sem uma delicada série de operações retóricas cuja natureza e alcance pareceriam eventualmente escapar a Tiago Correia, se ele não fosse vezeiro nessa alquimia. O paradoxo é que o autor monta o chapitô dum circo excessivo, espectacularizante de anseios e ansiedades, e, sem fugir com o rabo à seringa dos temas incómodos – que vão do chico-espertismo de Leonel, fonte de intrujices e trapaças, ao desprezo de classe dos revolucionários envolvidos numa putativa luta em favor dos oprimidos, mas olhando estes últimos com incontido desdém –, seguidamente empreende um trabalho de poda, bastante implacável, para evitar o *pathos*, e denunciar ou renunciar a qualquer veleidade de sinceridade em cena.

É com a artilharia verbal da mentira – pessoal, social e política – que o teatro fala e tece razões, e não com edénicas boas intenções... Leonel pretende desencarcerar Helena para a agrilhoar ao seu projecto de emigração, sem lhe explicar a aventura para a qual a arrasta, sem lhe revelar as dívidas a que se propõe escapar, sem lhe confessar o negócio firmado com o “casal” citadino, e, cobrando uma pretensa afeição, exige que Helena se sujeite cegamente à sua lei. Embora se tenha livrado, decerto por ínvios meios, da tropa, Leonel trata de “escumalha” e de “comuna” o desertor João, alegando que os guardas fecham os olhos perante

os emigrantes míseros mas mostram-se impiedosos com os vermelhos. Por último, diante de João agonizante, Leonel ainda consegue enrolar Manuela, vendendo-lhe uma promessa de ir buscar socorro para o irmão, na qual nem a militante nem Helena acreditam mais do que fingida e momentaneamente, por uma questão de boa consciência...

Neste *Salto*, não só a viagem de pretensa libertação encarcera os foragidos na jaula do corpo como a linguagem aprisiona os seus sentimentos, tornando-os, no melhor dos casos, convencionais, no pior, vazios. Demonstração prodigiosa: mais do que instrumento enganador, a linguagem revela-se aqui propiciadora e protectora da carapaça (e também do verniz social) de que as personagens necessitam para resistir ao medo (inclusive ao medo de se saberem cobardes) numa sociedade em que a coragem se paga com a vida.

Neste nosso tempo em que se discute se a palavra “fascismo” pinta adequadamente o regime salazarista e se o Estado Novo foi tão mau como o pintam (!?), *O Salto* de Tiago Correia pula oportunamente para a cena do TNSJ. Não obstante a nossa inveterada vocação de contadores de histórias pela noite dentro e pela estrada fora (método *sui generis* de verificar se uns e outros (r)existem), a vida não vingará enquanto não banirmos as fronteiras e as armas que as defendem, forçando a pulsão de morte a largar as suas presas.

V – Notas de rodapé

As seguintes referências a produtos duma cultura popular em vias de extinção em nada envolvem o autor da peça, e em tudo o dinossauro responsável por estas linhas e adendas.

Stornelli d'esilio

O profughi d'Italia a la ventura
si va senza rimpianti nè paura.

Nostra patria è il mondo intero
nostra legge è la libertà
ed un pensiero
ribelle in cor ci sta.

Dei miseri le turbe sollevando
fummo d'ogni nazione messi al bando.

Dovunque uno sfruttato si ribelli
noi troveremo schiere di fratelli.

Raminghi per le terre e per i mari
per un'Idea lasciamo i nostri cari.

Passiam di plebi varie tra i dolori
de la nazione umana precursori.

Ma torneranno Italia i tuoi proscritti
ad agitar la face dei diritti.

PIETRO GORI (1895)
www.youtube.com/watch?v=8XtS59nwqzg

Clandestino

Solo voy con mi pena
Sola va mi condena
Correr es mi destino
Para burlar la ley

Perdido en el corazón
De la grande Babylon
Me dicen "el clandestino"
Por no llevar papel

Pa' una ciudad del norte
Yo me fui a trabajar
Mi vida la dejé
Entre Ceuta y Gibraltar

Soy una raya en el mar
Fantasma en la ciudad
Mi vida va prohibida
Dice la autoridad

Solo voy con mi pena
Sola va mi condena
Correr es mi destino
Por no llevar papel

Perdido en el corazón
De la grande Babylon
Me dicen "el clandestino"
Yo soy el quebra ley

Mano Negra clandestina
Peruano clandestino
Africano clandestino
Marihuana ilegal

Solo voy con mi pena
Sola va mi condena
Correr es mi destino
Para burlar la ley

Perdido en el corazón
De la grande Babylon
Me dicen "el clandestino"
Por no llevar papel

Argelino clandestino
Nigeriano clandestino
Boliviano clandestino
Mano Negra ilegal

MANU CHAO (1998)
www.youtube.com/watch?v=TyA-oz7lSrc

VI – A reivindicação mínima dum português
deixado à sua sorte pela governança: poder
morrer em Portugal.

www.youtube.com/watch?v=9medwesN2Uw

1 Eça de Queirós afirmava: "Em Portugal, quem emigra são os mais enérgicos e os mais rijamente decididos; e um país de fracos e de indolentes padece um prejuízo incalculável, perdendo as raras vontades firmes e os poucos braços viris."

*Texto escrito com a grafia anterior ao
novo acordo ortográfico.*

produção executiva
Eunice Basto

direção de palco
Emanuel Pina

adjunto do
diretor de palco
Filipe Silva

direção de cena
Cátia Esteves

luz
Filipe Pinheiro
coordenação
Adão Gonçalves
Alexandre Vieira
José Rodrigues
Marcelo Ribeiro
Nuno Gonçalves

maquinaria
Filipe Silva
coordenação
António Quaresma
Joel Santos
Jorge Silva
Lídio Pontes
Nuno Guedes
Paulo Ferreira

som
Joel Azevedo
coordenação
Fábio Ferreira

vídeo
Hugo Moutinho

língua gestual portuguesa
CTILG, Lda.

APOIOS À DIVULGAÇÃO



COMBOIOS DE PORTUGAL



STCP



AGRADECIMENTOS TNSJ

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

A Turma é uma estrutura
financiada por



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

Lá de cima não se distinguem as fronteiras.

APOIOS A TURMA

CARB – Cooperativa
Artística da Raia Beirã,
Centro Cultural Português
– Instituto Camões em
Paris, CRIA – Centro em
Rede de Investigação em
Antropologia

AGRADECIMENTOS

A TURMA

Adelino e filhos
Adolfo Barbosa
José Moreira
(Renovapeças)
Reboques Leonel

Edição
**Teatro Nacional
São João**

design gráfico
Pedro Nora

fotografia
Francisco Lobo

impressão
**Empresa Diário
do Porto, Lda.**

Não é permitido filmar,
gravar ou fotografar
durante o espetáculo.
O uso de telemóveis e outros
dispositivos eletrónicos é
incómodo, tanto para os
intérpretes como para os
espectadores.



O TNSJ É MEMBRO



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA



Fundação "la Caixa"

MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO